



Infraestrutura no caminho do reaquecimento

Com o aumento dos investimentos e das obras, empresário diz país está reagindo muito bem

SANEAMENTO

A expectativa é que a segunda fase do Plano de Aceleração do Crescimento aumente as obras nesse setor

Oitava economia do mundo e às voltas com uma expectativa de crescimento do produto interno bruto (PIB) da ordem de 5% ao ano, o Brasil ainda é um país por construir. Ao menos em sua infraestrutura, carente de rodovias, hidrelétricas, ferrovias, aeroportos, metrô e redes de saneamento. E isso deve ser feito rapidamente, a tempo de organizar a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro, em 2016, com as obras concluídas. Esse cenário é analisado pelo empresário Alberto Salum, presidente do Sindicato da Construção Pesada de Minas Gerais (Sicepot-MG), que reúne mais de 300 empresas. Em entrevista à **Revista ELO**, Salum

diz que a construção pesada vive o seu melhor momento nos últimos tempos, mas é cauteloso em relação a 2010. “Não será tudo o que estão prevendo”, prevê, apontando a baixa rentabilidade e a falta de mão de obra especializada como problemas a serem superados.

ELO: Há estudos que apontam que o setor de infraestrutura precisa crescer 10% ao ano para acompanhar uma expansão do produto interno bruto da ordem de 5%. Esse cálculo está correto?

Salum: Sim, e talvez essa proporção tenha de ser ainda maior. A infraestrutura é o gargalo do Brasil, que é a bola da vez no cenário internacional. Todos falam do nosso país, que, de fato, apresenta indicadores socioeconômicos superiores aos de décadas passadas. Só que ainda não estamos totalmente preparados para dar vazão ao crescimento. Não temos como escoar os grãos, tampouco uma estrutura portuária suficiente para exportar a produção ou aeroportos para transportar cargas e passageiros.

ELO: Quanto seria necessário investir para que a infraestrutura atinja um patamar satisfatório?

Salum: É difícil falar em números, porque o setor é muito complexo. Ele envolve uma série de modais em âmbitos municipal, estadual e federal.

ELO: O senhor concorda com a afirmação de que



o setor vive o melhor momento em 20 anos e que 2010 será ainda melhor?

Salum: Na minha opinião, 2010 certamente será bom, mas não com tudo o que estão projetado. O setor vive mesmo um momento positivo, mas enfrentamos ao menos dois problemas que precisam ser contornados. O primeiro é a baixa rentabilidade, pois, durante todos esses anos, as nossas margens de lucro ficaram comprimidas. E aí muitas vezes temos dificuldades de mostrar para a sociedade que as empresas de construção pesada precisam ter lucro para sobreviver. Às vezes, a empresa possui um único contrato, tocado por um período curto e, para que ela se mantenha, a obra precisa ter uma rentabilidade capaz de sustentá-la durante o ano inteiro. O segundo problema está associado ao próprio crescimento do setor. Quando a construção pesada se expande, começam a faltar engenheiros e mão de obra especializada. Mas não há dúvidas de que os investimentos estão crescendo em saneamento, pontes, edificações públicas e obras rodoviárias. Já no setor ferroviário, o ritmo não é o mesmo, uma vez que os projetos estão apenas começando.

ELO: O saneamento básico é uma área às vezes deixada em segundo plano pelo Brasil. Esse panorama está mudando?

Salum: Uma das nossas expectativas em relação à segunda fase do Plano de Aceleração do Crescimento é exatamente a inclusão de mais obras de saneamento e até mesmo de macrodrenagem urbana. A primeira etapa do PAC contemplava, por exemplo, o projeto de transposição e despoluição do Rio São Francisco. As populações de muitas cidades ainda jogam seus esgotos nos rios, mas esse cenário vai mudar, pois já estão sendo licitadas obras para a construção de redes de tratamento desses efluentes. As obras de saneamento aumentaram demais, só que ainda estão atrasadas. Nossa estrutura de saneamento conseguiu equacionar o problema da água. Em Minas Gerais, por exemplo, o índice de água tratada beira 100%. Mas quando o assunto é o esgoto tratado, o índice continua baixo. Temos

“Em 2009, os investimentos nas obras de infraestrutura diminuíram por causa da crise, mas já estamos recuperando os patamares de 2008”

um longo caminho a percorrer. No passado, era comum ouvir que esgoto não dá voto, porque passa por baixo do asfalto e ninguém vê. Felizmente, a mentalidade política está mudando.

ELO: Além dos investimentos públicos, já existem investimentos privados significativos na área de saneamento?

Salum: Em Minas Gerais, há poucas concessões para empresas privadas feitas por algumas prefeituras que não firmaram contrato com a Copasa, a companhia de abastecimento do Estado. Ocorre que as médias e grandes cidades têm concessões firmadas com a Copasa ou possuem departamentos próprios. Os pequenos municípios não possuem demandas que possam viabilizar investimentos, portanto, não atraem investidores privados. A estratégia que a Copasa adotou foi reunir pequenos municípios em um pacote, possibilitando gerenciar os Sistemas de Água e Esgoto por meio da Copanor, subsidiária da Copasa e responsável pelos serviços em regiões do Vale do Jequitinhonha, noroeste e norte de Minas Gerais.

ELO: No ano passado, muitas empresas privadas suspenderam investimentos por causa da crise mundial. Elas já retomaram seus projetos?

Salum: Sim. Acredito que os investimentos tenham alcançado os níveis de 2008. As empresas privadas são as primeiras a pôr o pé no freio, mas o cenário está mudando novamente.

ELO: Qual é a importância do PAC para o setor?

Salum: O programa tem sido fundamental, pois sinaliza que precisamos construir infraestrutura. Além do dinheiro que ele emprega na área, sua implantação funciona como um recado para a sociedade brasileira.

ELO: Mas o PAC enfrentou, ao menos no início, vários problemas de execução. Já foi encontrado um modelo eficaz para gerenciá-lo?

Salum: Não totalmente. O governo federal está buscando melhorias, o que é parte do processo, e a iniciativa privada vem se empenhando para encontrar soluções para alguns gargalos. Exemplo: se criticamos os atrasos na concessão de licenças ambientais, não é porque o setor quer agredir o meio ambiente. Só que as pessoas que decidem a questão ambiental precisam entender que temos de construir nosso país. É necessário que se fale como pode ser feito, não adianta falar só que não se pode construir. Mesmo que a obra fique mais cara. O objetivo não é criticar a fiscalização, precisamos é de uma solução. Uma obra que para durante um ano traz um prejuízo enorme para a região.

ELO: Há várias obras de aeroportos previstas. Isso

Além do canteiro de obras

Representante de um dos principais setores da economia mineira, o Sicepot-MG tem uma atuação pautada pela sustentabilidade. "Estamos preocupados com a excelência das empresas, com a qualificação de mão de obra. Oferecemos cursos de formação de engenheiro, topógrafo, auxiliar de escritório e MBA em gestão de empresas", diz Alberto Salum, há oito meses à frente da entidade. Na área de responsabilidade social, o sindicato patrocina campanhas, como a do agasalho e de combate à dengue, e ajuda a preservar a Praça JK e o Museu Inimá de Paula, dois importantes monumentos públicos de Belo Horizonte.

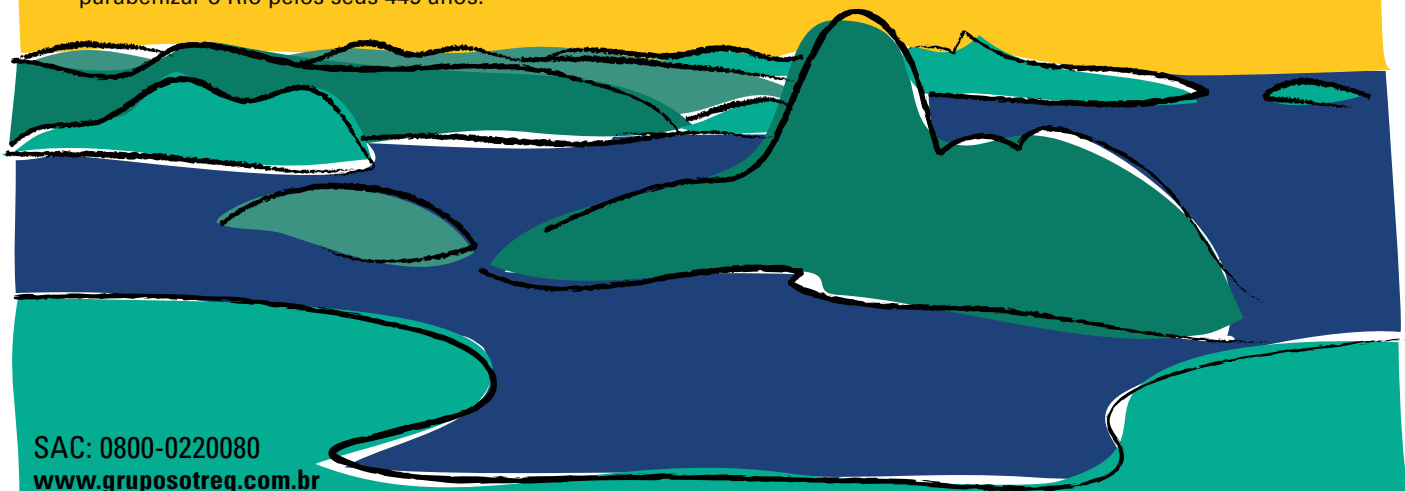
é reflexo da Copa do Mundo de 2014?

Salum: Em Minas Gerais, por exemplo, os problemas dos aeroportos já estão sendo solucionados. Ao menos 20 aeroportos e pistas foram recuperados. Até o fim do ano, a previsão é que 7 milhões de passageiros passarão pelo Aeroporto Internacional de Confins. A demanda cresce não só por causa da Copa. Ela existe nos principais aeroportos do país. No caso de Confins, para a Copa, é preciso construir pelo menos mais um terminal. ■

Rio, você está de parabéns.

É sede das Olimpíadas. É sede da Copa do Mundo. Tem o Cristo, umas das sete maravilhas do mundo. Tem o carnaval, uma das festas populares mais representativas do mundo. Além de muito mais...

A Sotreq tem orgulho de participar há 69 anos da construção dessa cidade maravilhosa e vem parabenizar o Rio pelos seus 445 anos.



SAC: 0800-0220080
www.gruposotreq.com.br